

## ENTRE TRADIÇÕES E INOVAÇÕES, O PERCURSO CRÍTICO DE NATALIE ZEMON DAVIS

Tereza Cristina Kirschner<sup>1</sup>

---

**Resumo:** este artigo apresenta a trajetória intelectual da historiadora Natalie Zemon Davis e comenta algumas de suas principais obras. Procura realçar sua habilidade no tratamento das fontes arquivísticas, a ousadia na busca de alternativas metodológicas para sanar a escassez de documentação e a preocupação com a narrativa dos resultados de suas pesquisas. Ao legitimar o recurso à imaginação, controlada e amparada em fontes da época, Natalie Davis, ao lado de outros historiadores que também defendiam essa posição, tornou-se alvo das críticas pós-modernas no que se refere à legitimidade da narrativa historiográfica.

**Palavras-chave:** História Cultural; Historiografia; evidência histórica.

**Abstract:** the article focuses on the American historian Natalie Zemon Davis's intellectual trajectory. Although her work has been criticized by some post-modern authors for her encouragement of imagination in the process of historical research, this article aims to emphasize Davis's research abilities and methodological originality and provides comments on her most important writings.

**Key words:** Cultural History; Historiography; Historical evidence.

---

A História Cultural é um dos domínios historiográficos mais inovadores das últimas décadas e se destaca tanto pelos variados temas pesquisados como pelas distintas metodologias utilizadas. Buscar uma homogeneidade nessa área não seria um bom caminho, pois significaria tentar encontrar uma unidade teórica e/ou metodológica onde ela não existe. A diversidade não deve ser vista como um problema, mas, sim, como exemplo da riqueza das pesquisas históricas na área da cultura. Se historiadores com abordagens distintas se identificam e são reconhecidos como historiadores culturais, algo, apesar das diferenças, justifica essa identificação. Esse algo é o interesse na pesquisa das mais diversas manifestações da cultura em diferentes sociedades e períodos históricos.

Natalie Zemon Davis, ao lado de Carlo Ginzburg, Robert Darnton, Roger Chartier, Peter Burke, para mencionar apenas alguns historiadores, forma um grupo que, apesar das trajetórias distintas, das diferenças de abordagens e das controvérsias que envolvem alguns deles, possui uma série de afinidades e traços compartilhados que os identificam como praticantes da história cultural. Esses

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de História da Universidade de Brasília.

historiadores reúnem-se em congressos, debatem entre si, comentam seus escritos. Todos atingiram a maturidade intelectual entre os anos 1960 e 1970 e, em diferentes momentos de suas vidas, tiveram a França como referência cultural e, alguns deles, como objeto de suas pesquisas. E o mais importante: todos têm interesse em pesquisar aspectos da cultura até então sem muita relevância para a maior parte dos historiadores. (SERNA; PONS, 2005)

Além de historiadora cultural, Natalie Davis, como é mais conhecida, poderia também ser identificada como historiadora social, adepta da *history from below*, da micro-história, da história antropológica e, ainda, como pioneira na área da história das mulheres. São muitos os “rótulos” que circulam no meio acadêmico sob os quais Davis poderia ser enquadrada. Contudo, mais importante do que o “rótulo”, ou a inserção da historiadora em uma escola, cuja própria existência poderia ser questionada, é a maneira como ela exerce a prática historiográfica. E, como ela mesma comentou, sua prática foi sempre acompanhada de uma sensação de “encantamento” diante das curiosidades do passado. Esse encantamento conduziu-a por caminhos inovadores em termos de temas pesquisados, de interpretação historiográfica e de exposição dos resultados do seu trabalho. Conforme ela afirmou: “Prefiro ser vista como uma intelectual que trabalha em múltiplas direções e, portanto, prefiro me ver como uma historiadora que trabalha de modo crítico, pois ‘crítico’ é menos excludente e implica maior amplitude.” (DAVIS, 2000, p. 114)

Davis nasceu em Detroit, em 1928, estudou na Universidade de Harvard e concluiu seu doutorado na Universidade de Michigan. Na sua autobiografia intelectual *A life of learning*, nunca escondeu a aproximação com o marxismo na sua juventude, o que, como admite, foi para ela uma verdadeira revelação. (DAVIS, 1997) Na sua primeira estadia na França, na década de 1950, Natalie Davis pesquisou nos arquivos de Lyon material para sua tese de doutorado. Nessa época, ela teve oportunidade de discutir as ideias de autores em voga, como Albert Camus, Jean-Paul Sartre e, especialmente, Marc Bloch. Ela deixou explícita sua grande admiração pelo historiador francês – pelo seu civismo e pela maestria com que escreveu *Os reis taumaturgos*. (DAVIS, 1997)

Na década de 1950, Natalie Davis e seu marido, o matemático Chandler Davis, poderiam ser considerados de esquerda ou, pelo menos, simpatizantes. Em plena Guerra Fria, após o retorno da França, o governo americano confiscou os

passaportes do casal por se recusar a fazer o juramento anticomunista. Chandler chegou a ser preso por alguns meses. A situação do casal só melhorou quando se mudaram para o Canadá e ambos foram contratados pela Universidade de Toronto.

A historiadora lecionou em várias instituições universitárias norte-americanas, dentre elas a Universidade de Berkeley, no período de 1971 a 1976, e a Universidade de Princeton, entre 1978 e 1996. Posteriormente voltou a lecionar na Universidade de Toronto. A historiadora recebeu homenagens da Universidade de Lyon e de várias instituições dos EUA. Foi eleita *Fellow of the American Academy of Arts and Sciences* e *Corresponding Fellow of the British Academy*, presidente da *Society for French Historical Studies* da *American Historical Association*, e ainda, vice-presidente do *International Congress of Historical Sciences*. Em 2010 recebeu o prestigiado prêmio *Holberg International Memorial*.

Extremamente produtiva – autora de vários livros e mais de oitenta artigos – Davis é dotada de especial habilidade e criatividade para lidar com os arquivos. A quantidade de material coletado durante suas pesquisas era tal que permitiu sua utilização posterior em vários artigos e livros. Parte desse material não chegou a ser utilizado, pois seus interesses caminharam em outras direções. Paralelamente à pesquisa dos documentos, preocupou-se sempre com a narrativa do resultado de suas pesquisas, isto é, com as múltiplas formas de se contar uma história. Ao pensar nas maneiras de se contar histórias, ela acabou se aproximando de questões propriamente literárias.

Muito jovem, Natalie Davis assumiu o compromisso de produzir uma história de cunho social e procurou repensar as ideias de Marx a partir das suas investigações empíricas. Interessou-se, como objeto de estudo, pelos trabalhadores na Europa moderna: seu dia a dia, suas festas e seus sentimentos. Na década de 1960, esse seu interesse afastou-a de algumas correntes interpretativas em voga, na medida em que ela não via no cotidiano desses trabalhadores meras sobrevivências pré-capitalistas que desapareceriam automaticamente com o processo de industrialização. Sua preocupação já era compreender o sentido que determinadas maneiras de viver tinham para quem as vivia. Não se interessava por grandes modelos explicativos sobre os movimentos das sociedades, mas sim atingir as pessoas que vivenciavam esses movimentos.

Embora os objetos de suas pesquisas estivessem na França, especialmente na cidade de Lyon, seu artigo “A trade union in sixteenth-century”, escrito em 1966, não foi publicado nesse país. Foi aceito, no mesmo ano, em *The Economic Historical Review*, a conhecida revista inglesa de Michel Postan. O foco do texto era a organização, os valores, a origem e o modo de vida dos trabalhadores da imprensa de Lyon. A França vivia a ‘hegemonia Braudel’ e a influência da demografia histórica e, além disso, na época, despertavam mais interesse as pesquisas sobre áreas rurais do que urbanas.<sup>2</sup> Sobre a historiografia francesa na época, Davis comentou:

But despite the impressive discoveries of this *histoire totale*, especially in demography, mobility, and material culture, it could not serve as a model for what I wanted to do. My next moves were toward anthropology and toward the incorporation of women into my historical account, and here I had to follow other paths. (DAVIS, 1997, p. 19)

Não surpreende que, como exemplo do tipo de história que praticava, Natalie Davis tenha se referido, na época, a Hobsbawm e não aos historiadores franceses. Ela identificava-se mais com o grupo de historiadores ingleses simpatizantes do marxismo e da causa operária, críticos do estalinismo e da guerra fria.

Na Inglaterra, os historiadores Eric Hobsbawm, Edward Thompson e Raymond Williams distanciavam-se do marxismo ortodoxo e pensavam novas maneiras de fazer história. Em 1958, Hobsbawm lançou *Rebeldes primitivos*, em 1961, Williams publicou *Cultura e sociedade* e, em 1963, Thompson lançou *A formação da classe operária inglesa*. No mesmo ano em que Davis publicou *A trade union in sixteenth-century*, 1966, Thompson fez um primeiro balanço daquelas obras pioneiras em um artigo publicado na revista *Times Literary Supplement*.<sup>3</sup> Essas obras possuíam alguns aspectos em comum e Thompson agrupou-as sob a denominação “história vista de baixo”, por se tratar de uma historiografia que se preocupava com os desfavorecidos, com aqueles que tinham sido esquecidos e com a cultura na qual viviam. Anos mais tarde, em 1976, ao sustentar a importância de uma história das pessoas comuns, Thompson observou que não estava sozinho, pois havia outros historiadores que compartilhavam suas preocupações, referiu-se

<sup>2</sup> Por exemplo GOUBERT (1960), Tese de Doutorado defendida na EPHE.

<sup>3</sup> *Times Literary Supplement*, 1966. O artigo, com o título “A história vista de baixo” encontra-se na coletânea *The essencial E. P. Thompson*. New York: The New Press, 2001.

especificamente a Keith Thomas e Natalie Zenon Davis, especialmente o livro *Sociedade e cultura na França moderna*, que ela havia lançado no ano anterior. (DAVIS, 1975)

Esse livro de Davis é considerado um marco para os estudos culturais.<sup>4</sup> Por um lado, pode ser visto como um tipo de “história vista de baixo”, na medida em que trata do *menu peuple*, pessoas humildes da cidade de Lyon no século XVI. A preocupação da autora era explorar tipos de experiência social que pudessem ter contribuído para a formação da consciência protestante. Davis deu ênfase às maneiras de viver, de se socializar e de se relacionar com o mundo, de maneira geral. Assim, reuniões, ritos, práticas da caridade, revoltas, festas, reações das mulheres diante das mudanças religiosas, tudo isso adquiriu importância na sua pesquisa. Trata-se de uma “história vista de baixo”, sem dúvida, porém com uma orientação nitidamente cultural.

O livro compõe-se de breves ensaios nos quais Davis examina distintos grupos de uma sociedade que atravessava um momento de mudanças na esfera dos cultos religiosos. Escritos entre 1971 e 1975, os artigos revelam o percurso intelectual da autora ao longo desses anos. Nos três últimos capítulos, escritos em 1975, a referência aos historiadores britânicos é substituída pelos franceses Robert Mandrou, Jacques Le Goff, Jacques Revel e os primeiros trabalhos de Robert Darnton. Sua sensibilidade para a dinâmica de grupos diferentes em uma comunidade reflete seu afastamento da metodologia marxista das classes sociais, centrada em aspectos econômicos. Nessa época, ela repensou sua atração pelo marxismo: “Gosto do conceito de múltiplos eixos em torno dos quais uma sociedade se organiza e se move, o que contrasta com meu modelo marxista bidimensional anterior”. (DAVIS, 1997, p. 17)

Seus ensaios focaram, principalmente, diferenças de gênero, de idade, de religião, de profissão. Os ativistas religiosos, católicos ou protestantes, lutavam em defesa de suas tradições compartilhadas comunitariamente. Não raro, tanto católicos como protestantes fundamentavam suas ações na Bíblia e na liturgia, bem como na justiça popular. Segundo Suzanne Desan, para Natalie Davis a coesão da comunidade era um fator decisivo e, por causa disso, ela não teria aprofundado,

---

<sup>4</sup> Com base na edição original de 1975 foram publicadas as versões francesa e italiana, embora com título distinto. A edição espanhola manteve o título original, mas alterou seu conteúdo, excluindo alguns capítulos e incluindo outros artigos.

tanto quanto poderia, as fissuras e os distintos papéis dentro de uma comunidade. (DESAN, 1992, p. 85) De qualquer maneira, era a cultura vivenciada pela comunidade, mais do que fatores econômicos ou questões de classe o que, para Natalie Davis, motivavam os tumultos religiosos.

Os ensaios revelam a aproximação de Davis com a antropologia, importante, em sua opinião, para compreender os elementos simbólicos da prática religiosa, embora ela tenha demonstrado reservas quanto à tendência dessa disciplina de não dar tanta importância à dinâmica histórica. Com relação à sua aproximação com a antropologia, cabe destacar a importância do antropólogo Arnold van Gennep, cuja obra Davis conheceu quando da sua estadia na Universidade de Toronto, no final dos anos 1960. Nessa época, a perspectiva antropológica não era habitual entre historiadores. Na primeira metade da década de 1970, quando lecionava na Universidade de Berkeley, Davis manteve seu interesse pela antropologia e entrou em contato com as obras de Evans-Pritchard, Victor Turner, Clifford Geertz e Sidney Mintz.

No início dos anos 1970 poucos historiadores dedicavam-se de maneira sistemática à história das mulheres e, especificamente, ao seu papel nas transformações religiosas da Europa moderna. Desde a década de 1950, Natalie Davis interessava-se pelas mulheres como objeto de análise, pois escreveu um ensaio sobre Christine de Pisan, viúva do século XIV que vivia dos seus escritos. Mas foi a partir das pesquisas publicadas em *Culturas do povo* que ela passou a se interessar pelas mulheres como um campo de estudo, dedicando a elas alguns capítulos do livro.

Em 1971, ela organizou, com Jill Ker Conway, o primeiro curso sobre história das mulheres no Canadá. O curso “Society and Sexes in Early Modern Europe and in America”, realizado em Toronto, tornou-se um modelo para cursos oferecidos em outras universidades nas décadas de 1970 e 1980. Posteriormente, Davis ofereceu outros cursos sobre essa mesma temática na Universidade de Berkeley. Um ensaio, apresentado na segunda Berkshire Conference on Woman History, em 1974, e posteriormente publicado na revista *Feminist Studies*, tornou-se uma referência na historiografia sobre gênero. (DAVIS, 1976, p. 83-103) Nele, Davis adotou a perspectiva antropológica para tratar questões de gênero no passado.

Davis inaugurou um programa inovador de pesquisas que seria seguido por outros historiadores na década seguinte. Hoje *Culturas do povo* é considerado um clássico e conserva sua importância para pesquisadores da cultura e da história das mulheres. A historiadora norte-americana teve um papel importante na introdução e difusão de abordagens e objetos de pesquisa que até então não despertavam muito interesse no meio acadêmico. Ela também contribuiu para a aproximação entre a história e a antropologia e, não menos importante, trouxe à tona a preocupação literária, a atenção à narrativa que, em sua opinião, devia captar o leitor e fazer do ato da comunicação um momento chave da investigação.

No final dos anos 1960 e início de 1970 a obra de Mikhail Bakhtin ainda era muito pouco conhecida entre os historiadores de língua inglesa. Nas décadas de 1960 e 1970, a crítica literária inglesa e, particularmente, a americana estavam interessadas no estruturalismo e no desconstrucionismo. (BAKHTIN, 1987)<sup>5</sup> Davis interessou-se pelo autor russo e pela maneira como ele interpretou a obra de Rabelais, relacionando-a com a cultura popular e permitindo-se apreender uma pluralidade de vozes nos textos. É especialmente em um capítulo de *Culturas do povo – Razões do desgoverno –*, de 1971, que se observa sua aproximação com a perspectiva de Bakhtin. O artigo abriu caminho para as pesquisas dedicadas ao carnaval e outras formas de manifestações culturais de rebeldia.

Natalie Davis, no final dos anos 1970, deparou-se com um documento do juiz Jean de Coras sobre o caso Martin Guerre, um texto de 1561. Sua primeira reação foi transformá-lo em um filme. Em Paris, uniu-se ao cineasta Daniel Vigne e a Jean-Claude Carrière, e da colaboração entre eles resultou o filme *O regresso de Martin Guerre*, lançado em 1982 e dirigido pelo cineasta francês. (DAVIS, 1983) Mas a historiadora não ficou completamente satisfeita com o filme, cuja realização suscitou uma série de inquietações, do ponto de vista historiográfico, o que lhe estimulou a escrever o livro, que apareceria logo depois. Durante as filmagens, ao observar as diversas entonações possíveis para a fala de Jean de Coras, ela comentou que tinha a sensação de ter à disposição um laboratório historiográfico, no qual o experimento não gerava provas irrefutáveis, mas sim possibilidades históricas. Davis sentiu falta dos “talvez”, dos “pode ser”, de que o historiador dispõe quando a documentação é insuficiente ou ambígua. (DAVIS, 1983, p. X)

<sup>5</sup> A obra, publicada em russo em 1965, só foi traduzida para o inglês três anos depois.

O livro trata da história de uma família de camponeses da região francesa do Languedoc no século XVI. A história revela o drama que envolveu o surgimento na aldeia de um homem que se fez passar por um camponês desaparecido denominado Martin Guerre. Esse homem foi aceito como o verdadeiro Martin Guerre pela família e pela comunidade durante três ou quatro anos, até ser denunciado por sua mulher. O impostor estava quase convencendo o tribunal de que era realmente o camponês desaparecido quando, um dia, o verdadeiro Martin Guerre retornou à aldeia. Tanto o filme como o livro obtiveram sucesso, o que tornou a autora conhecida internacionalmente fora dos meios acadêmicos. O relato da história é central no livro, o que, segundo a autora, diferencia-o dos livros de Carlo Ginzburg e Le Roy Ladurie – *O queijo e os vermes* e *Montaillou* –, respectivamente.

Escrever um livro sobre aquele camponês foi, sem dúvida, um desafio para Natalie Davis. Diferentemente de Ginzburg e Ladurie, ela não possuía muita documentação para reconstruir o caso, pois os autos do processo contra Arnaud du Tilh haviam sido perdidos. Ela contava apenas com os textos dos juristas Jean de Coras – *Arrest memorable* – e Guillaume Le Sueur – *Admiranda Historia de Pseudomartino Tholosae*. Talvez outro pesquisador tivesse desistido da empreitada, mas Davis enfrentou o desafio e buscou alternativas metodológicas que pudessem sanar a escassez de fontes. Pesquisou a retórica dos textos, as convenções escritas dos juízes e os diferentes tipos de documentos que usavam. Viu em cada documento um arquivo em si mesmo, que reunia diferentes discursos, vários pontos de vista e fontes diversas. Para a biografia dos personagens, a autora recorreu a biografias de outros homens e mulheres que viviam na mesma época e no mesmo lugar, reconstruídas por meio de fontes cartoriais, judiciárias e literárias. Mas as lacunas na documentação, contudo, eram inevitáveis. E a autora tinha consciência que trabalhava com provas, mas também com imaginação histórica, ou seja, uma imaginação ancorada na documentação. E observou: “Se o que ofereço é, em parte, de minha invenção, está no entanto solidamente arraigado nas vozes do passado”. (DAVIS, 1983, p. 7)

Ao assumir a legitimidade na prática historiográfica do recurso à conjectura e à imaginação controlada e amparada na documentação examinada, Natalie Davis tornou-se alvo de críticas da parte de setores da comunidade acadêmica; tanto daqueles que reagiam contra a defesa da construção ficcional como algo inerente ao



trabalho do historiador, como daqueles que, ao contrário, consideravam as narrativas historiográficas meras invenções, fruto da imaginação do pesquisador. Publicado alguns anos após o lançamento de *Trópicos do discurso*, de Hayden White, *O retorno de Martin Guerre* foi motivo para avivar os debates sobre a legitimidade da narrativa historiográfica que surgiram no final dos anos 1970 e difundiram-se a partir do início da década de 1980. (WHITE, 1978)

Em 1995, Davis lançou *Nas margens*, livro que trata da vida de três mulheres do século XVII: Gliki bas Judah Leib, uma judia negociante de Hamburgo, Marie de l'Incarnation, freira ursulina que fundou a primeira escola cristã para mulheres ameríndias da América do Norte, e a naturalista e pintora protestante Maria Sibylla Merian, que em 1699 se embrenhou na selva do Suriname. (DAVIS, 1995) Davis não as viu como vítimas passivas de uma sociedade dominada por valores masculinos e procurou mostrar como elas tiraram proveito da situação na qual viviam. Segundo a própria autora, “all three turned these margins into borderlands for discovery; all three redefined them as centers of a kind, or at least as places they preferred to be.” (DAVIS, 2008, s.p.) Ao reconstituir com sensibilidade a vida dessas três mulheres, a historiadora mostra que, por meio de suas cartas, escritos pessoais e intrincadas trajetórias, essas mulheres revelam tanto, ou mais, sobre o nascimento do mundo moderno do que inúmeros documentos oficiais. Conforme observou Pallares-Burke, nessa obra Davis conseguiu reunir diversos aspectos dos seus trabalhos anteriores, como a ênfase no social, no etnográfico e no literário e, ainda, mesmo que indiretamente, abordar questões importantes dos debates contemporâneos sobre o conhecimento histórico. (PALLARES-BURKE, 2000, p. 83)

Após concluir *Às margens*, Davis voltou seu olhar para a África. Interessada em aprofundar a questão das relações entre europeus e não europeus, suscitada naquela obra, ela retomou um documento com o qual havia se deparado nos anos 1950, quando concluía sua pesquisa de graduação. Trata-se de um manuscrito datado de 1556 que contém uma descrição da África por Leo Africanus. O autor nasceu em Granada e passou vários anos como representante diplomático do Sultão de Fez, AL-Hasan AL-Wazzan AL-Gharnati AL-Fasi, em várias partes da África. Por meio de uma investigação cuidadosamente documentada, Davis pesquisou a vida desse homem durante o período em que ele viveu na África bem como seus escritos sobre o norte do continente africano e o Islam, produzidos

durante os anos em que esteve preso em Roma. Dessa pesquisa resultou, em 2006, o livro *Trickster travels: a sixteenth-century muslim between worlds*, cujo foco é a relação e transmissão de culturas. (DAVIS, 2006)

Ao longo de sua pesquisa sobre Maria Sybilla Merian, publicada em *Às margens*, Davis deparou-se com a correspondência dessa mulher com um médico judeu que vivia na América do Sul. Doze anos após a publicação daquele livro, surgia um novo projeto de pesquisa: a vida desse médico judeu proprietário de escravos em uma colônia holandesa. Seu interesse era examinar as percepções judaico-cristãs sobre a escravidão.

Do conjunto da sua vasta obra, além daquelas já mencionadas, destaca-se *Fiction in the archives: pardon tales and their tellers in the sixteenth-century France*, de 1987, obra na qual Davis analisa cartas de perdão do século XVI, instrumentos jurídicos por meio dos quais os súditos solicitavam clemência ao soberano. Na introdução ao livro, a autora comenta que embora tenha aprendido que historiadores científicos deviam eliminar elementos ficcionais dos documentos para poder atingir os fatos reais, nessa obra eram justamente os aspectos ficcionais dos documentos o centro da análise. O termo ficção foi empregado com o sentido da época: criação. Ficção era o que resultava da criação. Assim o artifício da ficção não necessariamente significava falsidade. Com isso ela não pretendia minimizar a importância dos documentos, naturalmente, mas apresentá-los como fonte de novas percepções sobre o século XVI, como, por exemplo, a maneira pela qual as pessoas narravam o acontecido, recorrendo às relações entre história, direito e literatura.

Procurou mostrar como as pessoas do século XVI contavam histórias (mesmo no caso especial de uma história de perdão), o que consideravam uma boa história, como davam conta do motivo e como, por meio da narrativa, faziam com que o inesperado ganhasse sentido e introduziam coerência na experiência imediata. Quero acompanhar a variação de suas histórias, dependendo do narrador e do ouvinte, o modo como as regras da trama desses relatos judiciais de violência e perdão interagiam com hábitos contemporâneos mais abrangentes de explicação, descrição e avaliação. [...] observar de perto os meios e o ambiente de produção das histórias e os interesses que tanto o narrador como a plateia tinham no evento de contar histórias. Mas estarei também concebendo “estruturas” que existiam antes do evento nas mentes e nas vidas dos participantes, no século XVI... (DAVIS, 1987, p. 17)

Mas Natalie Davis não identificava história e ficção. Segundo a autora:

A pesquisa histórica envolve algum trabalho de imaginação e a escrita da história exige uma habilidade que é, em parte, imaginativa. Há, por assim dizer, no modo como se pensa e se escreve, uma região em que as fronteiras entre história e ficção se confundem. Mas, por outro lado, os historiadores, em regra, consultam textos – algo externo a eles mesmos –, e não suas próprias mentes, quando precisam verificar algo. [...] Não nos é permitido escapar às regras da história, e muito me agrada, na verdade, ter que me submeter a algo exterior a mim mesma. (DAVIS, 2000, p. 108s)

Como já foi mencionado, a vasta obra de Natalie Davis revela habilidade, sensibilidade e originalidade na pesquisa de fontes históricas. Descobrir um documento que não foi manuseado há séculos; abri-lo e defrontar-se com algo inicialmente pouco compreensível; continuar a pesquisa para acessar os elos que poderiam dar-lhe algum sentido... Enfim, trazer para o presente um passado até então desconhecido e, ouvi-lo com atenção, sabendo que ele teria de ser ouvido com muito cuidado e sensibilidade por um pesquisador de outra época. Esse processo de descoberta das “curiosidades” do passado e de tentativa de preencher as lacunas encontradas nos documentos para descobrir o mundo vivido por homens e mulheres de outras épocas é o que encantava Natalie Davis. Por isso, ela deu mais importância a esse processo de descoberta do que à reflexão teórica e conceitual sobre sua própria prática historiográfica.<sup>6</sup> Embora tenha se manifestado nos debates sobre história e ficção, coube a outros historiadores, como, por exemplo, Carlo Ginzburg, em um momento de viva discussão sobre as pretensões de verdade das narrativas historiográficas, uma reflexão sobre a relação entre as narrativas em geral e as narrativas historiográficas.<sup>7</sup> Tomando partido nesse debate, o historiador italiano, referindo-se a *O retorno de Martin Guerre*, comentou:

A tentativa feita por Natalie Zemon Davis de contornar as lacunas com uma documentação arquivística, contígua no espaço e no tempo à que se perdeu ou nunca se materializou, é apenas uma das muitas alternativas possíveis. [...] (até que ponto valeria a pena discutir esse problema?). Entre as que certamente têm de ser excluídas está a

<sup>6</sup> Em algumas entrevistas, muito rapidamente, Natalie Davis fez algumas reflexões teóricas sobre seu trabalho.

<sup>7</sup> Acerca do debate sobre o pós-modernismo ver: VASCONCELOS (2005).

invenção. Além de contraditório, seria, pelo que precede, absurdo. (GINZBURG, 2007, p. 334)<sup>8</sup>

Sobre as críticas de Hayden White à pretensão de verdade das narrativas historiográficas, Ginzburg observou:

Uma verificação das pretensões de verdade inerentes às narrações historiográficas como tais implicaria a discussão dos problemas concretos, ligados às fontes e às técnicas da pesquisa, a que os historiadores tinham se proposto em seu trabalho. Se esses elementos são desdenhados, como faz White, a historiografia se configura como puro e simples documento ideológico. (GINZBURG, 2007, p. 327)

Na mesma linha de raciocínio de Ginzburg, alguns anos depois, Natalie Davis referiu-se às críticas de Hayden White: “White deixa de lado os esforços que os historiadores fazem e as regras da evidência que seguem para provar seus argumentos”. (PALLARES-BURKE, 2000, p. 107) Nesse sentido, em sua opinião, a visão do significado da história de Hayden White é “bastante limitadora”.

O debate sobre a legitimidade da narrativa historiográfica não terminou, mas enfraqueceu. Hoje já não se questiona tanto a presença da imaginação do historiador em suas narrativas como algo incompatível com a historiografia acadêmica, o que só faz valorizar a ousadia, a capacidade de inovar e de encontrar alternativas de pesquisa dos trabalhos de Natalie Davis, os quais, desde suas primeiras publicações, têm inspirado historiadores de diversas partes do mundo.

## BIBLIOGRAFIA

### Obras citadas ao longo do artigo

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo-Brasília: Hucitec/Universidade de Brasília, 1987.

DAVIS, Natalie Zemon. *Fiction in the Archives: Pardon Tales and their Tellers in Sixteenth Century France*. Stanford, California: Stanford University Press, 198-.

\_\_\_\_\_. *A Life of Learning: Charles Homer Haskins Lecture for 1997*. New York: American Council of Learned Societies, 1997. Disponível em: <[http://www.acls.org/Publications/OP/Haskins/1997\\_NatalieZemonDavis.pdf](http://www.acls.org/Publications/OP/Haskins/1997_NatalieZemonDavis.pdf)>. Acesso em: nov. 2013.

<sup>8</sup> Texto intitulado “Provas e possibilidades”, posfácio à edição italiana de *O retorno de Martin Guerre*.

\_\_\_\_\_. Entrevista. In: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. (org.). *As muitas faces da história*. Nove entrevistas. São Paulo: Unesp, 2000.

\_\_\_\_\_. *Society and culture in the early modern France*. Stanford: Stanford University Press, 1975.

\_\_\_\_\_. *The Return of Martin Guerre*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1983.

\_\_\_\_\_. *Trickster Travels. A Sixteenth-Century Muslim Between Worlds*. New York: Hill & Wang, 2006.

\_\_\_\_\_. *Women on the Margins: Three Seventeenth-century Lives*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1995.

\_\_\_\_\_. Women's history in transition. *Feminist Studies*, 3, p. 83-103, 1976.

\_\_\_\_\_. Entrevista. Disponível em: <<http://www.medievalists.net/2008/09/27/interviewwith-natalie-zemon-/>>. Acesso em: nov. 2013.

DESAN, S. Massas, comunidade e ritual na obra de E.P. Thompson e Natalie Davis. In: HUNT, L. (org.). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GINZBURG, Carlo. Provas e possibilidades. Posfácio à edição italiana de *O retorno de Martin Guerre*. In: GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*. Verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras.

GOUBERT, Pierre. *Beauvais et la Beauvaisis de 1600 à 1730*. Paris: SEVPEN, 1960.

LE ROY LADURIE, E. *Montaillou*. Cátaros e católicos numa aldeia francesa. 1294-1324. Lisboa: Edições 70, s.d.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia G. *As muitas faces da história*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

SERNA, Justo; PONS, Anaclet. *La historia cultural. Autores, obras, lugares*. Madrid: Ediciones Akal, 2005.

VASCONCELOS, J. A. *Quem tem medo de teoria? A ameaça do pós-modernismo na historiografia americana*. São Paulo: Annablume, 2005.

WHITE, Hayden. *Tropics of discourse: essays in cultural criticism*. The John Hopkins University Press, 1978.

### Principais obras de Natalie Davis (livros)

DAVIS, Natalie Zemon. *Fiction in the Archives: Pardon Tales and their Tellers in Sixteenth Century France*. Stanford, California: Stanford University Press, 1987. [Edição brasileira: *Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.]

\_\_\_\_\_. (org.). *Gender in the academy: women and learning from Plato to Princeton (an exhibition celebrating the 20th anniversary of undergraduate coeducation at Princeton University)*. Princeton: Princeton University Library, 1990.

\_\_\_\_\_. *Slaves on Screen: Film and Historical Vision*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2002.

\_\_\_\_\_. *Society and Culture in Early Modern France: Eight Essays*. Stanford, California: Stanford University Press, 1975. [Edição brasileira: *Culturas do povo. Sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.]

\_\_\_\_\_. *The Gift in Sixteenth-Century France*. University of Wisconsin Press 2000.

\_\_\_\_\_. *The Return of Martin Guerre*, Cambridge, MA: Harvard University Press, 1983. [Edição brasileira: *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.]

\_\_\_\_\_. *Trickster Travels. A Sixteenth-Century Muslim Between Worlds*. New York: Hill & Wang, 2006.

\_\_\_\_\_. *Women on the Margins: Three Seventeenth-century Lives*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1995. [Edição brasileira: *Nas margens. Três mulheres do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.]

DAVIS, N. Z.; FARGE, A.; DUBY, G.; PERROT, M. (orgs.). *History of Women in the West*. Volume III: Renaissance and the Enlightenment Paradoxes. 1993. [Edição portuguesa: *História das mulheres no Ocidente*. Lisboa: Afrontamento, s.d.]

### Principais obras de Natalie Davis (artigos)

DAVIS, Natalie Zemon. A Life of Learning: Charles Homer Haskins Lecture for 1997. American Council of Learned Societies (ACLS) occasional paper, New York, n. 39, 1997.

\_\_\_\_\_. Anthropology and History in the 1980s: the Possibilities of the Past. *Journal of Interdisciplinary History*, v. 12, p. 267–275, 1981.

\_\_\_\_\_. Any Resemblance to Persons Living or Dead: Film and the Challenge of Authenticity. *The Yale Review*, v. 76, p. 457-482, 1987.

\_\_\_\_\_. Beyond the Market: Books as Gifts in Sixteenth-century France. *Transactions of the Royal Historical Society*, v. 33, p. 69-88, 1983.

\_\_\_\_\_. Fame and Secrecy: Leon Modena's Life as an Early Modern Autobiography. *History and Theory*, v. 27, p. 103-118, 1988.

\_\_\_\_\_. Ghosts, Kin, and Progeny: Some Features of Family Life in Early Modern France. *Daedalus*, v. 106, p. 87-114, 1977.

\_\_\_\_\_. Gender and Genre: Women as Historical Writers, 1400–1820. *University of Ottawa Quarterly*, v. 50, p. 123-144, 1980.

\_\_\_\_\_. History's Two Bodies. *American Historical Review*, v. 93, p. 1-13, 1988.

\_\_\_\_\_. On the Lame. *American Historical Review*, v. 93, p. 572-603, 1988.

\_\_\_\_\_. Rabelais among the Censors. *Representations*, v. 32, p. 1-32, 1990.

\_\_\_\_\_. Religion and Capitalism Once Again? Jewish Merchant Culture in the Seventeenth Century. *Representations*, n. 59, 1997.

\_\_\_\_\_. The Sacred and the Body Social in Sixteenth-century Lyon. *Past and Present*, v. 90, p. 40-70, 1981.

\_\_\_\_\_. The Shapes of Social History. *Storia della Storiografia*, v. 7, p. 28-32, 1990.

\_\_\_\_\_. Women and the World of Annales. *History Workshop Journal*, v. 33, p. 121-137, 1992.

\_\_\_\_\_. "Women's History" in Transition: the European Case. *Feminist Studies*, v. 3, p. 83-103, 1975.

\_\_\_\_\_. Women in the Crafts in Sixteenth-century Lyon. *Feminist Studies*, v. 8, p. 47-80, 1982.

### Entrevistas

ADELSON, R. Interview with Natalie Zemon Davis. *Historian*, v. 3, 1991.

ABELOVE, H. et al. Visions of History. Interview with Natalie Zemon Davis. Manchester, UK: Manchester University Press, 1984.

CROUZET, D.; WOLFE, M. *L'Histoire tout feu tout flame: entretiens avec Denis Crouzet*. Paris: Albin Michel, 2004.

INTERVIEW with Natalie Zemon Davis. Disponível em: <[www.medievalists.net/2008/09/27/interview-with-natalie-davis/](http://www.medievalists.net/2008/09/27/interview-with-natalie-davis/)>. Acesso em: nov. 2013.

PALLARES-BURKE, Maria Lucia G. *As muitas faces da história*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

**Artigo recebido em 10 de novembro de 2013. Aprovado em 30 de novembro de 2013.**